

PAULO RAMALHO

Poema das mulheres cansadas

Nascemos sustentados pelo milagre das mães
crescemos entre duas auréolas de leite
alimentados pela intimidade de um hálito comum
e longamente brincamos no pátio desse segredo
protegidos entre fartos seios e olhos atentos

Pouco a pouco se vão desenrolando os dedos
as pernas tropeçam até acertar o passo com os dias
e a voz é uma matéria plástica
que se desdobra e balbucia sílabas
antes de chegar à raiz das palavras
Os braços esticam procuram os seus limites
e tocam na pele do mundo
encontram a porta da alegria e a esquina da dor
Um primeiro golpe das parcas abre então
uma ferida funda que logo cicatriza
– e porque o corpo é jovem recolhe quase intacto
ao seu centro obstinado
esse eixo inviolado onde o futuro
é um girassol em busca do seu holofote

Entretanto as mulheres desenrolam
o pequeno novelo das preocupações
– vigiam as feridas nos joelhos dos filhos
o surro nas orelhas o gume da sombra na linha dos dias
arejam a casa com gestos práticos
limpam o pó aos pensamentos tristes
e quando chega a primavera
abrem janelas cautelosas sobre as coisas do entendimento
São como gazelas assustadas as mulheres
são lobas com a premonição do desastre
e por isso acumulam nódoas roxas no peito
e pequenas rugas ao canto dos lábios

O ventre das mulheres é um milagre muito delicado
– frágil rosa com seus espinhos e coágulos
sensível rosa com suas pétalas vermelhas –
e em torno desse ventre andam sempre os amantes
com suados dorsos roucas vozes
e virilhas incendiadas
Os amantes têm flancos escuros de Minotauro
e quando passam nos espelhos
são como meninos impacientes à procura da mãe
mas as mulheres relincham
porque os vêem como cavalos de orgulhosa crina
Há sempre esta incompreensão partilhada
este teatro de espelhos deformantes
entre um homem e uma mulher

E entretanto como belas cerejas assim são
estas fêmeas cansadas que lentamente amadurecem
no pomar dos amantes
Passou o tempo dos filhos
e vai também cessando o íntimo tempo das rosas vermelhas
mas transportam ainda entre as coxas
uma árvore de desejos com pomos carnudos e sumarentos
É então que os homens raspam seus cascos impacientes no chão
e dizem palavras supérfluas
e cada uma dessas palavras toca num nervo da mulher amada
como a mão descuidada do guitarrista
toca a corda desafinada da guitarra
Porque as mulheres que – atentas solícitas solares –
atravessaram meia vida com o seu corpo
precisam agora de um sótão sem o cheiro do amante
um espaço onde não sejam dedilhadas
um refúgio reservado e lunar
onde possam ser donas do seu silêncio

E cabe ao homem estender uma toalha limpa na mesa
pôr fruta na fruteira abrir a cama
e dizer desse amor tão forte
esse amor pela mulher
que a seu lado caminha por dentro dos anos

A limalha essencial

Medimo-nos pela sombra da vara mais alta,
onde o sangue bombeado é mais espesso
e a memória trabalha a sua pertença.
É aí que arde a genealogia dos mortos,
nas raízes obscuras da árvore, nos frutos
incendiados por uma hélice invisível,
na arquitectura molecular dos rostos,
no esperma, no cancro, nos sinais hereditários.
Depois os espelhos fundamentais acrescentam
sentido ao sentido: dedos filiais
e grandes mãos paternas – a limalha essencial
onde se gera a ignição,
o fogo violento, cruelíssimo, do amor.
Medimo-nos pela sombra da vara mais alta,
mesmo quando o sangue ilumina
um vulto com o belo rosto a arder
e a testa reservada ao silêncio – morto
sentado na cadeira a que chamamos pai.

(Dois poemas inéditos do livro *Manual de Sobrevivência para Náufragos*)

NOTA BIOGRÁFICA

Paulo Ramalho nasceu em 1960. É antropólogo e vive há dez anos na ilha de Santa Maria, Açores.

Obras publicadas: *O Crescer do Silêncio* (poesia, 1992), *Ofício Imperfeito* (poesia, 2.^a ed.: 1998), *Histórias do Reino Distante* (contos, 1996), *Exorcismo dos Anjos* (poesia, 1997), *As Duas Sombras* (poesia, 2003), *Ilha Entre Linhas* (poesia, 2008), *Boca Aberta* (poesia, 2014) e *O Outro Lado da Ilha* (romance, 2015).